

ENTREVISTA
SENHORA ROSÂNGELA C. ARAÚJO
(MESTRA JANJA)

Rosângela Costa Araújo, a Mestre Janja, é uma das personagens mais conhecidas no mundo da capoeiragem. Formada em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), dedicou mais de vinte anos de sua vida à capoeira, seja em sua vertente acadêmica, seja na prática do cotidiano. Nesta entrevista concedida à revista "Textos do Brasil", Mestre Janja emite suas opiniões a respeito da inserção da mulher no mundo da capoeira, das transformações ocorridas nessa área nos últimos anos e dos desafios e perspectivas que a capoeira terá pela frente.



TB: A capoeira é apontada por muitos especialistas como uma das mais autênticas manifestações culturais brasileiras. Em sua opinião, quais características da capoeira são reveladoras da idiosincrasia brasileira?

Janja: Gostaria, inicialmente, de tratar a capoeira como uma manifestação cultural afro-brasileira. Isso é muito importante para mim, uma vez que considero fundamental não prosseguirmos pensando o Brasil sem as suas "africanidades". A partir daqui, entendo que a capoeira é uma arte reveladora do jeito de ser do brasileiro, desenvolvendo formas criativas de ser relacionar com realidades muitas vezes violentas. É assim que o "gingar", mais que um movimento específico da capoeira, se converteu numa habilidade de vivenciar e enfrentar as adversidades, mimetizando luta e dança, e transformando estereótipos negativos em alegrias comunitárias.

TB: A senhora possui uma trajetória de mais de vinte anos dedicados ao mundo da capoeira. Nesse período, quais foram as principais transformações que a senhora notou em relação à capoeira?

Janja: Sim, estou na capoeiragem há cerca de vinte e cinco anos e, felizmente, em condições de conhecer alguns dos seus desdobramentos em vários estados brasileiros e também em vários países. O que mais me impressiona é a mudança que caracteriza as novas formas de convivências entre os grupos e, principalmente, entre os mestres. A possibilidade de realizarem atividades conjuntas, dialogando com diferentes públicos ou mesmo com os poderes públicos, ainda que não elimine antigas desconfianças, estabelece diferentes modelos de convivência. A crescente presença da mulher é também um importante fenômeno a ser apresentado e discutido.

TB: Em diversos setores da vida civil, as mulheres conseguiram conquistar significativo espaço que lhes era cerceado até meados do século XX. Quais são os progressos que a senhora destacaria no que se refere à participação da mulher nas rodas de capoeira?

Janja: Começo afirmando que, antes de chegar às rodas de capoeira, a mulher enfrenta caminhos diferenciados para se tornar e se fazer reconhecer capoeirista. Não é novidade para ninguém que a capoeira deixou de ser algo específico de homens, se é quem algum dia o foi. Hoje há organizações de capoeira fundadas e lideradas por mulheres, ou mesmo grupos, sobretudo no exterior, em que as mulheres constituem a maioria dos praticantes. Entretanto, ainda lidamos com um grande desequilíbrio de representatividade quando pensamos no reduzido número de mulheres que são promovidas pelo sistema de graduação. Temos visto grupos, com base em certas "tradições" por eles criadas, dizerem que as mulheres não podem tocar o gunga ou "puxar" uma ladainha, mesmo que esse conhecimento lhes seja exigido no dia-a-dia dos treinamentos e demais aprendizados da capoeira.



Mestre Janja

Sendo a roda de capoeira o espaço de apresentação da identidade, força e competência dos grupos, ao contrário do exercício da autonomia, as mulheres vivenciam situações diversas de opressão e violência, concreta e simbólica, levando-as à formação de vários coletivos, em diferentes países, que atuam estimulando debates e constituindo redes de aprendizado e de solidariedades distintas. Nesse sentido, temos que entender a capoeira em permanente diálogo com a sociedade a seu redor, como sendo a “pequena roda” inserida na “grande roda”, e que as lutas das mulheres na sociedade como um todo também são refeitas na capoeiragem.

TB: Quais são os obstáculos que ainda devem ser vencidos pelas mulheres na capoeira?

Janja: Talvez seja este um bom momento para invertermos o prisma desta questão, perguntando: quais são os obstáculos que precisam ser vencidos pela capoeira para integrar de maneira respeitosa e qualificada a presença da mulher? Assim, podemos levar em consideração dois temas relevantes: a diversidade e a construção do direito à equidade. Esse é um desafio que a capoeira deve assumir, levando em conta que a presença feminina vai desde o de-

envolvimento dos conhecimentos que definem as exigências específicas, como movimentos, toques, cantos, história e filosofia da capoeira, etc., até a sua inquestionável capacidade de organizar e conduzir grupos, considerados sob o aspecto de organizações culturais, educacionais e políticas, tanto no interior da capoeiragem quanto nos debates com os movimentos sociais mais amplos.

Entretanto, para avançarmos, é necessário entender que a capoeira precisa incorporar novos olhares sobre sua diversidade estética. Da mesma forma que entre os grupos tradicionalmente conduzidos por homens existe uma diversidade estética muito acentuada, para definir e indicar a identidade de cada grupo, de cada mestre, também é assim que as mulheres buscam ser valorizadas, compondo um novo cenário, e não necessariamente reproduzir conceitos (inclusive corporais) que não representam códigos femininos.

TB: É comum escutar que a formação do aluno de capoeira deve ser global, isto é, abranger não apenas seus elementos técnicos e físicos, mas também sua formação moral e ética. Quais são os valores que a capoeira pode desenvolver em seus praticantes?

Janja: Primeiro a capoeira deve ser apresentada à pessoa que busca ser iniciada na sua prática. Isso porque sendo a capoeira uma prática comunitária (estou falando da capoeira angola), seus aspectos históricos e filosóficos são necessários na formação da identidade do grupo. Os seja, um bom começo é situar tanto o grupo como a pessoa na sua rede de pertencimento.

A partir daí, valores como hierarquia, ancestralidade, cooperação, respeito às diferenças, etc. passam a ser encarados como valores que situa a pessoa na própria comunidade. Aqui, é importante reafirmar o caráter formador da capoeira, fazendo do ser capoeirista algo que reúne, além de habilidades corporais, musicais, uma conduta que atesta os conhecimentos orientados em seu grupo.

TB: A capoeira tem sido utilizada exitosamente como meio de inclusão e coesão social. Quais são as características da capoeira que lhe permitem essa utilização? Quais as principais iniciativas nesse sentido que a senhora destacaria como mais significativas?

Janja: Sim, a capoeira tem cumprido um importante papel na formação de comunidades culturais, sobretudo entre crianças e jovens residentes nas periferias dos centros urbanos. Além de produzir variados níveis de atração e envolvimento, trata-se de uma atividade que tem contado com a dedicação e iniciativa de pessoas envolvidas com a sua preservação e difusão.

Felizmente, vivemos hoje uma realidade em que o poder público, a partir de iniciativas do governo federal, tem reconhecido a importância social da capoeira por meio de programas, editais e registros, fazendo com que grupos e associações situados em lugares mais distantes dos eixos de dominância cultural tenham os seus trabalhos divulgados entre a comunidade de capoeiristas mais ampla. Entre essas iniciativas podemos destacar o registro, em curso, de reconhecimento da capoeira como patrimônio imaterial, orientado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN; os programas Cultura Viva, Pontos de Cultura, Capoeira Viva, entre outros sediados no Ministério da Cultura – MinC; e a construção de políticas públicas em algumas prefeituras brasileiras. No exterior, podemos citar, além da proposta do Programa Mundial de Capoeira do MinC, ações de mestres e grupos que, em diversos países, vão estreitando vínculos com os sistemas de ensino e vários espaços culturais.

TB: Do seu ponto de vista, quais são as virtudes que um bom capoeirista deve possuir?

Janja: Ginga, capacidade de ser flexível também na “grande roda”. Abertura para se manter em formação. Responsabilidade na escolha dos ensi-

namentos, visando à sua formação integral como capoeirista. Exercício permanente da tolerância e acolhimento. Respeito às diferenças.

TB: A senhora defendeu, em 2004, sua tese de doutoramento a respeito da capoeira. Não obstante, até pouco tempo, muitos capoeiristas viam com desconfiança as pesquisas do meio acadêmico, pois acreditavam que valores distintos regiam o universo da capoeira e o da academia. Como está essa relação atualmente?

Janja: Não creio que esta desconfiança seja uma especificidade dos capoeiristas. Também aqueles que são iniciados em outras tradições de matrizes africanas, como o candomblé, só se abrem para aceitar muitos dos estudos acadêmicos após fazerem parte desse meio. Assim, é possível encontrarmos, hoje, em muitos grupos de capoeira, no Brasil e no exterior, a presença de pesquisadores, acadêmicos ou não, realizando pesquisas e publicações importantíssimas para a capoeira. Aqui, gostaria de destacar, também, a existência de grupos formados por pesquisadores da capoeira que mesclam esse perfil: o Grupo de Estudos da Capoeira – GECA, de abrangência nacional, que reúne uma grande maioria de capoeiristas, sendo alguns inseridos em programas de pós-graduação e outros que são docentes de instituições universitárias; e o Grupo de Estudos Mestre Noronha, projeto do Instituto Jair Moura, em Salvador.

TB: Existem diversas vertentes no universo da capoeira. A senhora acredita que essa diversidade pode ser considerada como um fator revelador da complexidade cultural da capoeira e, logo, da cultura brasileira?

Janja: Sim, sem dúvida, e talvez seja esta também a sua maior riqueza na atualidade. É necessária a composição de distintos quadros de referências para se dar conta das muitas possibilidades de abordagens que a capoeira atua.

Entretanto, devemos nos manter preocupados com certos hibridismos que descaracterizam a capoeira. Em lugar de preocuparmos-nos em ficar inventando nomes para novas marcas e seus subseqüentes patenteados, deveríamos empenhar-nos em revelar, nas complexidades da própria capoeira, as suas inúmeras possibilidades de atuação e de colaboração com áreas afins (artes, saúde, educação, direito, etc.).

TB: A capoeira tem se tornado uma atividade muito popular em todos os continentes. Em sua opinião, a que se deve esse sucesso? Como a senhora avalia essa internacionalização da capoeira?

Janja: Acho que a capoeira mantém atualizada a alma pela juventude. Ela produz campos individuais e coletivos de expressão que são muito atraentes por sua plasticidade, musicalidade e demais aspectos de formação grupal. Isso tem sido evidenciado na medida em que crianças, jovens e adultos de diferentes origens, culturas, classes sociais se entregam aos seus ensinamentos, buscando reconhecer suas redes de pertencimento, cujas matrizes se encontram no Brasil, e criando um fantástico mosaico humano capaz de reunir pessoas que muitas vezes estariam separadas pelas desigualdades e conflitos com que várias dessas diferenças são tratadas no contexto político mundial.

Por outro lado, é importante que esses novos capoeiristas reflitam e reconheçam o sentido histórico e político da capoeira para que ela não ganhe novos contornos de folclorização ou seja entendida por processos de simplificação esportiva. Afinal, não é a maioria dos capoeiristas que querem ver a capoeira convertida num esporte olímpico. Da mesma forma, a capoeira deve-se manter atrelada ao seu passado como forma de garantir a sua permanência no quadro das lutas dos povos negros no Brasil, pela conquista da liberdade.

TB: Quais os estereótipos que a capoeira e os capoeiristas ainda enfrentam atualmente?

Janja: Acho que tem estereótipos que devem ser encarados tanto pela sociedade quanto pelos poderes públicos. A sociedade brasileira precisa reconhecer e nomear suas africanidades como sendo um aspecto central na construção da sua identidade nacional, e os poderes públicos devem assegurar procedimentos necessários a esse reconhecimento, seja por meio de revisões nos conteúdos de livros didáticos e demais produções literárias, seja incentivando, inclusive, iniciativas que desenvolvam trabalhos qualificadores para essas novas formações.

TB: Quais os desafios que a prática da capoeira enfrenta no mundo contemporâneo?

Janja: Desarmar-se de nacionalismos, culturalismos e demais formas de intolerância que alimentam racismos, sexismos e xenofobias. Impedir que sejam transferidas para dentro da capoeiragem as violências políticas que buscamos eliminar na “grande roda”. Manter-se promovendo a construção da liberdade e da equidade e, à despeito da sua inserção mundial, refletir seus processos de massificação.

